EM BUSCA DO SUJEITO NOS MEANDROS DA HISTORIOGRAFIA: UMA ANALISE COMPARATIVA ENTRE A HISTORIA SOCIAL, MICRO-HISTORIA E BIOGRAFIA.

Gabriel Moreira Medeiros Laureano*

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a concepção de sujeito a partir de três campos da História por nós escolhidos, a saber: a História Social, a Micro-História e a Biografia. Com isso, pretenderemos mostrar um caminhar de mudanças de perspectivas em torno da noção de sujeito, desde a História Social, quando se apresenta como arquétipo e modelo das análises seriais, até a Micro-História e a Biografia, quando se atenta para a multiplicidade do mesmo, bem como a incoerência em sua trajetória. Paralelamente, emergirá também a discussão em torno das questões paradigmáticas no que concerne a historiografia atual, um momento de pluralidade e ausência de uma única corrente dominante.

Palavras-chaves: Sujeito, Paradigmas, Historiografia.

ABSTRACT

The present work has as objective to discuss the conception of subject from three fields of history chosen by us, namely: Social History, Microhistory and Biography. With this, we intend to show a path of changes of perspectives around the notion of subject, from Social History, when it presents itself as archetype and model of the serial analyzes, until Microhistory and Biography, when one is attentive to the multiplicity of the as well as the inconsistency in its trajectory. At the same time, there will also be a discussion about the paradigmatic questions regarding current historiography, a moment of plurality and absence of a single dominant current.

Keywords: Subject, Paradigms, Historiography.

RECEBIDO: 03 de fevereiro de 2017

AVALIADO: 08 de maio de 2017

* Graduado em História pela Universidade Severino Sombra, Graduando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Mestrando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Endereço eletrônico para contato: gmmlaureano@gmail.com

Introdução:

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma discussão em torno de três eixos da historiografia: História Social, Micro-história e as novas abordagens sobre o gênero biográfico. O fio que conduzirá nossa análise entre as citadas áreas será a busca por compreender o lugar do sujeito em cada uma delas e as transformações sofridas nesta concepção, levando em conta o cenário atual em que este sujeito já não é nem considerado de maneira rígida e monolítica, de modo a apresentar uma trajetória de vida linear e coerente, como no início do século XX; como também não desaparece mediante grandes análises que, por meio de séries, categorias generalizantes, pretendem apresentar resultados mais abrangentes e até determinantes.

Michel Foucault, em "A arqueologia do saber", livro publicado em 1969, criticava a História de sua época, que se propunha homogeneizante e totalizadora, ao mesmo tempo em que chamava a atenção para as descontinuidades presentes, aos acasos. Em um determinado trecho, afirma que sua obra é uma denúncia a "história assassinada", cada vez que as descrições e as séries são usadas de maneira exageradas; uma denúncia a uma forma de História que fora suprimida, que deveria se concentrar no sujeito e em sua experiência (conceito de grande relevância para Foucault e diretamente ligado às prática discursivas)[1]. Margareth Rago, comentando sobre Foucault, aponta que tais críticas a esta visão totalizante, emergem em diversas obras posteriores do renomado filósofo francês, pois este advertia os historiadores no que se refere a uma visão que: “encerra sinteticamente em imagens e conceitos prontos, eliminando a historicidade própria dos fenômenos [...] sobre as ilusões envolvidas nesse jogo de contar o passado[...] acreditando-se revelar o que “de fato” aconteceu”[2].

Será que nos é possível conceber formulações gerais envolvendo grandes massas? Será que nos é possível apreender todos os aspectos deste sujeito, e conceber um “sujeito universal”? De fato sabemos que não, e a História precisa saber lidar com as inúmeras lacunas que se antepõe a sua prática, bem como às descontinuidades e incoerências na trajetória de um determinado sujeito. Michel de Certeau, sobre estas dificuldades, pontua duas faces envolvendo a subjetividade: não apenas a relação entre o historiador e seu objeto, ou seja, as dificuldades de alcança-lo, dispersado que está pelos efeitos do tempo; mas também as questões que envolvem o próprio historiador, por exemplo, os meios e influências que o levaram a escolha deste mesmo objeto. Assim, o sujeito é para nós como a louca que se torna mística, narrativa apresentada em “A fábula mística”, do mesmo autor. A religiosa em questão, considerada louca pelas suas irmãs

[1] FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 16.
[2] RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo. *Imagens de Foucault e Deleuze - ressonâncias nietzschianas* Rio de Janeiro. DP&A Editora, 2002. p. 258.

no mosteiro, se distinguia delas por diversos sinais: jejum, vestimenta, práticas extremamente ascéticas, e esta distinção das demais, este separar-se, segundo o autor, faz com que algo paradoxal se estabelecesse: no excesso de suas práticas a louca estava inserida em seu interior, de onde nada a distrai.

Complexo, mas quer significar uma relação em que a louca, uma mulher mística, estava e não estava naquele meio. Para tirá-la desse status indefinido é preciso a palavra, o nome: eis a figura do monge sábio que vai até o mosteiro e reconhece a santidade daquela mulher, mas ainda assim ela se esquiva, curvando-se diante dele, em silêncio, permanecendo fechada em si, inalcançável. É, portanto pelo nome que se confere o lugar, o limite: "pelo próprio ato que é essencial a todo exorcismo, ele nomeia o inominável. Ele quer extraí-la do indeterminado, isto é, dela mesma, para que ela esteja no lugar do pai"[3]. Assim como o monge que tentou elevar a louca à posição mestra, pelo nome, e é isso que faz o historiador ao analisar um indivíduo, sua visão para com ele acaba estabelecendo estes limites, mas ainda assim não são completamente eficazes, pois tal como a mística pode insistir em evadir-se de nós.

Sobre a segunda questão, Certeau aponta que: "toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; que este sistema de referência permanece uma "filosofia" implícita e particular; que infiltrando-se no trabalho de análise [...] remete à "subjetividade" do autor"[4]. Assim, o trabalho do historiador é permeado por um "não-dito" duplamente presente, em sua práxis e no próprio objeto, que muitas vezes pode insistir em calar-se. Tais discussões, envolvendo Foucault e Certeau, são importantes para nossa investigação em torno da relação do sujeito e os eixos históricos citados, por apontarem a complexidade do mesmo e os desafios que envolvem o trabalho do historiador, cujo foco é o homem, sobretudo aqueles que se dedicam às trajetórias individuais especificamente. É preciso estar atento a esta complexidade inerente ao sujeito, atestada pela vasta produção bibliográfica sobre o tema que vem se desdobrando desde a segunda metade do século XX.

Acreditamos que o sujeito histórico, atualmente, sua análise, sobretudo pela influência da micro-história, insere-se em uma mediação – pois não se ignora sua individualidade e as inúmeras potencialidades desta visão a partir do micro, permitindo ao historiador observar questões totalmente diversas –, ao mesmo tempo em que não são ignoradas, igualmente, as influências das sociedades e instituições. Vivemos um momento em que não há nenhum paradigma dominante, e é possível, como diz Ronaldo Vainfas, lançar mão de inúmeros

---

[3] CERTEAU, Michel. *A fábula mística séculos XVI e XVII: volume 1*. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 56-57.
[4] Id. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 2002. p. 67.

caminhos em uma mesma análise, sem desconsiderar, é claro, suas especificidades e possíveis antagonismos, vejamos:

> Há, pois, sensíveis diferenças entre um enfoque hipotético-dedutivo, generalizante e macroexplicativo, e uma abordagem indiciária, muitas vezes, pulverizadora, convencida talvez de que se a história é ciência, trata-se de uma ciência do particular (Ginzburg). Diferenças de escala, sem dúvida, no posicionamento do sujeito/observador, mas que não resultam necessariamente, ao meu ver, em diferenças de qualificação em termos de a primeira ser epistemologicamente superior à outra ou vice-versa [...] A história realmente não pode estar condenada, como afirma Ciro Flamarion Cardoso, "a escolher entre teorias deterministas da estrutura e teorias voluntaristas da consciência". Combinar abordagens distintas talvez seja o ideal, resguardadas as diferenças e até a oposição de paradigmas[5].

Para apresentar este percurso até o momento em que a combinação das inúmeras abordagens – que acreditamos ser um processo muito enriquecedor por apresentar ferramentas mais dinâmicas à compreensão da complexidade que envolve o sujeito em cada época – , o artigo está dividido da seguinte maneira: inicialmente apresentaremos um breve panorama das mudanças paradigmáticas (no que concerne a História) que se deram no século XX; posteriormente apresentaremos a História Social, desdobramento de tais processos; e, por fim, a micro-história, cujo desenvolvimento esteve ligado diretamente às diversas críticas à História Social, bem como as novas concepções em torno da biografia, que nos permitem bases para abordar a noção de trajetória relacionada ao sujeito.

Uma Mudança de Paradigmas, a História Social:

Até meados da segunda metade do século XX, a Historiografia foi marcada pelo paradigma Positivista, considerando apenas como fonte passível de análise os documentos oficiais de cunho administrativo/diplomático, a fim de produzir obras essencialmente narrativas sobre os grandes homens. Foi o momento de predomínio da História Política, que atualmente vem ganhando muito espaço e visibilidade entre os historiadores, com um aparato teórico renovado e com o objetivo de distanciar-se das propostas antigas (chamada de Nova História Política, termo que entre os seus adeptos é largamente questionado, entretanto, este não é o foco de nosso trabalho)[6]. É importante ressaltar que, com o "declínio" desta corrente, se deu a ascensão do Social na História, que deixou de lado os grandes nomes e passou a voltar sua atenção às massas, aos movimentos populares, a estrutura das sociedades.

[5] CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. 2a ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2010. p. 632.
[6] RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV/ UFRJ, 1996; ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

A antiga História Política, digamos assim, dedicou-se a uma produção quase que estritamente biográfica, nos sentidos mais primitivos e simples do termo, onde a trajetória de vida dos sujeitos era enquadrada em uma linearidade, cujos primeiros anos já apontavam para a notoriedade que seria adquirida no futuro: era um sujeito que parecia controlar rigidamente a sociedade e seus meandros. Com a História Social notamos uma fragmentação deste sujeito monolítico, que, fragmentado, dá lugar a análises que se propunham abrangentes, seriais, buscando normatizar grupos e categorias. Tanto a História Política Tradicional quanto a História Social em seus primeiros anos, ofereceram grandes subsídios a historiografia, entretanto ambas parecem, de alguma forma, extremos, cujas propostas se organizaram de modo a se localizarem diametralmente opostas, uma em relação a outra.

Sem sombra de dúvidas a escola dos Annales foi o grande expoente deste momento da historiografia. Peter Burke resume muito bem as principais contribuições:

> Da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações, foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligadas ao estudo da humanidade, da geografia à linguística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais[7].

Tal ampliação mencionada por Burke, sobretudo no que concernem as fontes e áreas de estudo, foi o estopim para que pouco a pouco, dentro do próprio movimento dos Annales, de influência marxista, alguns estudos se orientassem a partir de uma abordagem cultural. A obra de Edward P. Thompson exemplifica muito bem este sutil "desvio" do social, pois o historiador passou a considerar a influência da cultura popular e das tradições em suas relações econômicas (os preços, os períodos e locais de venda eram norteados também pelos costumes locais que, quando desrespeitados, orientando a produção para outros territórios, por exemplo, convulsionavam o povo em descontentamento), trata-se do famoso conceito de economia moral. Assim, a predominante História Econômica foi cedendo lugar, paulatinamente, a uma História Intelectual, com fins de desvendar a consciência social de um determinado povo, intrinsecamente relacionada com suas práticas; foi chamado pelos franceses de *mentalités*, termo marcado na tradição francesa. Tal abordagem foi amplamente questionada por sua amplitude demasiada, refletindo em uma vã fragmentação entre diversos temas de pesquisa, sem coesão alguma. O que despertou as respostas dos representantes: "Chartier e Revel não propuseram simplesmente um

[7] BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da Historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: Unesp, 1992. p.90.

novo conjunto de temas para investigação; foram além das *mentalités*, com o objetivo de questionar os métodos e objetivos da história em geral [...]"[8].

E concomitantemente a este cenário de questionamento e renovação dos métodos da nascente História Cultural, a disciplina de maior influência deixa de ser a Sociologia, que cede lugar à Antropologia. Os métodos antropológicos não se preocupam em abarcar todos os elementos de uma sociedade. Seu foco está nas práticas dos diversos grupos e hábitos ligados à tradição. É uma abordagem voltada para a busca de significados (em um sentido mais amplo do termo, evitando assim rotulações de uma abordagem por demais simplista). Daí, a influência também da Teoria Literária neste momento, propondo desvendar a linguagem presente nas práticas dos grupos, possibilitando uma interpretação da sociedade de maneira crítica, não como um espelho revelador de toda a realidade, mas levando em conta as intenções dos indivíduos e influências por eles sofridas, suas relações em toda sua complexidade. Robert Darnton, em sua obra homônima "O grande massacre dos gatos", da década de 1980, sintetiza com clareza este método etnográfico na História:

> O método antropológico da História tem um rigor próprio, mesmo quando possa parecer, a um cientista social tarimbado, suspeitosamente próximo da literatura. Começa com a premissa de que a expressão individual ocorre dentro de um idioma geral, de que aprendemos a classificar as sensações e a entender as coisas pensando dentro de uma estrutura fornecida por nossa cultura. Ao historiador, portanto, deveria ser possível descobrir a dimensão social do pensamento a extrair a significação de documentos, passando do texto ao contexto e voltando ao primeiro, até abrir caminho através de um universo mental estranho[9].

O enfoque metodológico descrito acima, influenciado pela Antropologia e com ênfase na expressão individual, permite muitas possibilidades de análise e sua transposição à literatura, analisando as obras enquanto fruto das intenções, anseios e de toda vivência do autor, que, por sua vez, também é influenciado por seu tempo. Lynn Hunt afirma que: "a ênfase na história cultural incide sobre o exame minucioso - de textos, imagens e ações - e sobre a abertura de espírito diante daquilo que será revelado por esses exames [...][10]".

A História, portanto, passou por diversas transformações epistemológicas e, a partir do contato mais próximo com a Antropologia, retomou ênfase à questões como a da narrativa, essencial, por exemplo, na abordagem micro-histórica, mas antes de abordarmos estar corrente, trataremos da História Social mais detidamente, a partir das contribuições de Natalie Davis, buscando apontar o lugar do sujeito em seus estudos, pois, como poderemos observar, têm mais ligação com nossa proposta discutindo tal conceito.

---

[8] HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 13.
[9] DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. p. 27.
[10] HUNT. *Op. Cit.* p. 29.

Em seu livro "Culturas do povo", especificamente em seu capítulo cinco, intitulado "As mulheres por cima", se dedicou a estudar a figura da mulher, mormente considerada como desregrada, instável e perigosa, carecendo assim de ser controlada, seja pela sociedade ou seja pelo marido. Entretanto, Davis não se limita apenas a essas constatações, mas utilizando fontes imagéticas e literárias, discute sobre os diversos ritos de inversão presentes na sociedade, que não minavam a ordem, mas serviam como válvula de escape e conferiam estabilidade: as festas de carnaval, as pinturas onde as mulheres são representadas espantando invasores ou os demônios (no caso das santas) , enfim, a mulher por cima.

Entretanto, a mulher era considerada como desregrada, inconstante, herdeira dos males de Eva e por isso naturalmente mais fraca. Sua fisiologia, fria e úmida, já era indicativo de seu temperamento instável. O útero podia tomar-lhe todo corpo, por conta da ausência prolongada de relações sexuais. Além dessas fraquezas de ordem física, Davis aponta que a época considerava-se também a existência de uma fraqueza intelectual. Portanto, as mulheres que porventura tentassem seguir por essa vertente, iriam se desvirtuar ainda mais e se tornarem bruxas, pois o conhecimento, as especulações teológicas, não fora destinadas à mente feminina. Para que tais situações fossem evitadas eram necessários ensinamentos religiosos, educação para os deveres da mulher e trabalho honesto. Tal controle foi sendo ampliado à medida em que o modelo de família patriarcal foi se consolidando. A autora ressalta que por volta do século XVIII as mulheres tinham pouco, ou quase nenhuma, independência se considerarmos os períodos anteriores. Davis, neste ponto, afirma que as relações familiares, no trabalho, na sociedade estavam em crise. Haviam opiniões favoráveis às mulheres e sua natureza, bem como aquelas falas, vindas de homens, que diziam o contrário. É interessante como a autora parte destas constatações para compreender as tensões na própria sociedade a partir das relações no seio das famílias. Por exemplo, muitos defendiam a sujeição da mulher ao marido, pois isso refletia a ordem da sociedade, da sujeição a autoridade do senhor ou ao rei, que seja. Entretanto, além de manter a mulher controlada, Davis acredita que tais cenários de inversão permitiam também um espaço de crítica a rígida hierarquia patriarcal, uma brecha para a atuação feminina, pois:

> [...]expressaram e deram vazão a conflitos sobre a autoridade dentro do sistema; ofereceram, também, ocasiões nas quais a corrente autoritária na família, no trabalho e na vida política foi moderada pelo riso da desordem e de brincadeiras paradoxais. Dessa forma, elas serviram para reforçar a estrutura hierárquica"[11].

E diferenciando os espaços que permitiam a inversão e a crítica, diz:

[1]1 DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna*. São Paulo: Paze Terra, 1990.pp. 120-121.

> Além disso, festivais e costumes populares, ainda que difíceis de documentar, mostram bem esse jogo com trocas de papéis sexuais e dão muita atenção à mulher por cima. Ao examinar esses dados, observaremos que a inversão sexual nas festas populares difere da apresentada na literatura de duas maneiras. Enquanto o elemento puramente ritual e/ou mágico da inversão sexual estava presente na literatura de modo apenas perceptível, ele recebeu maior importância nas festas populares, juntamente com as funções carnavalescas do arremedo e do desmascaramento da verdade. Enquanto nas peças literárias e pictóricas a inversão sexual frequentemente mostrava a mulher fazendo o papel de homem, ou vestindo-se como ele, nas inversões festivas com mais frequência o homem fazia o papel de mulher ou vestia-se como ela, isto é, como a mulher desordeira - embora esta assimetria pudesse não estar presente vários séculos antes[12].

Apresentando uma delimitação mais aprofundada de suas fontes, Davis aponta também para o homem travestido de mulher, algo que se dava, de acordo com a citação acima, mais comumente em festividades. Entretanto, esta mesma inversão, revestida de um sentido diferente, se dava também fora dos ambientes festivos em momentos de grande tensão social e questionamento, proporcionando uma situação muitíssimo interessante: o uso, pelas multidões, da figura e energia da mulher desordeira, o que vai diretamente ao encontro dessas brechas encontradas pelas mulheres. Estas muitas vezes revoltavam-se e eram resguardadas de qualquer culpa desde que os maridos consentissem. Assim era muito comum, inclusive, que os maridos enviassem suas esposas para se revoltarem, pois sabiam que elas estariam seguras (em alguns casos, estes mesmos maridos se vestiam de mulheres nos levantes, como forma de buscarem segurança para sua imagem e isenção de qualquer responsabilidade por seus atos sediciosos). E parece que as próprias mulheres tinham consciência dessa prerrogativa e, como nos mostra Davis, muitas vezes se revoltaram contra o sistema, como no mercado, contra os coletores de impostos ou contra a instituição religiosa.

A obra de Natalie Davis foi escolhida como objeto de maior ênfase dentre os demais autores propostos no eixo da História Social, porque nos permite observar uma metodologia característica desta mesma corrente preocupada com as estratificações e hierarquias, quando nos apresenta as ideias que se convencionavam existir em torno das mulheres e como estas, por meio das festas, revoltas e da literatura, por exemplo, conseguiam escapar destas cadeias. Outro ponto que urge comentar é a discussão em torno dos papéis sociais desempenhados pelo homem e pela mulher no recorte escolhido, século XVI e XVIII, papéis estes que estavam imbricados, pois em alguns momentos não é possível distinguir os limites entre homem e mulher. Por fim, nós ressaltamos o caráter ampliado do objeto e das conclusões em que chegou a autora, e é exatamente esta questão que nos permite discutir o sujeito, a partir do viés que temos buscado seguir desde então.

[12] Ibidem. p. 116.

Se observarmos atentamente, por mais que se assemelhe a uma micro-análise, ao se debruçar sobre fontes diversas, desde contos, narrativas, até imagens, na verdade a autora sugere uma tipologia da mulher, um sujeito modelo, qual seja, a mulher por cima da sociedade pré-industrial. E parece ter consciência desta questão ao deixar claro, ao fim de seu capítulo cinco, que abriu mão de analisar a mulher em contextos mais específicos, como em cada país, levando em conta a religião etc., para apresentar esta imagem mais ampla. Não consideramos para este artigo um levantamento das produções que seguiram os passos apontados por Davis em seu encerramento de capítulo, mas certamente esta mulher por cima pode se apresentar de forma diferente se considerado diferente contextos, ou nem sequer se apresentar. O importante é ressaltar como pela mudança de escalas, pela análise mais detida e detalhada, podemos observar um mesmo cenário e recorte de forma completamente diferente e alcançar resultados igualmente distintos. Uma análise micro-histórica, pois é a isto que nos referimos, que permita vislumbrar e compreender toda esta complexidade que permeia um indivíduo, um sujeito. E é a ela, cujo surgimento esteve ligado a uma crítica a esta mesma História Social, que nos dedicaremos a seguir.

“Por Que Tornar as Coisas Simples, Quando se Pode Torná-las Complicadas?” Uma Apresentação da Micro-história e Suas Características:

O livro de Jacques Ravel, “Jogos de escalas: a experiência da microanálise”, marco muito importante para a Micro-história francesa, nasceu de um seminário em 1991, que reuniu historiadores e antropólogos, a fim de discutir exatamente quais as relações possíveis, e se havia alguma, entre a História e a Antropologia. Por muitas décadas, conforme pudemos observar de antemão, os modelos sociológicos foram amplamente utilizados pelos historiadores, entretanto cederiam lugar à Antropologia. Diversos efeitos resultaram desta aproximação, sobretudo uma renovação dos objetos e dos questionamentos dos historiadores. Todavia a antropologia, por sua vez, podia sentir tentada a fechar-se em si mesma, devido a influência da obra de Levi Strauss, que oferecia um modelo sólido e amplo (estruturalismo), mas seu recuo acabou ocasionando algumas brechas[13].

A Micro História foi desenvolvida por historiadores italianos no final dos 70. Mas devemos evitar uma visão simplificada do tema, pois a acolhida na Itália, e em demais países, foi lenta. Até o livro de Giovanni Levi (A herança imaterial) ser traduzido para o francês em 1989[14],

[13] “O estruturalismo exerceu um autêntico fascínio sobre a quase totalidade das ciências humanas nos anos 1960 e tocou a história mais tardiamente. Contudo, o historiador dos anos 1980 acabou por seguir a via aberta pelo filósofo, de quem Hélène Védrine descreve com humor os entusiasmos levi-straussianos: “desiludidos pela razão... complexado pelo ciência (que não conhece), o filósofo lança-se no estruturalismo, persuadido de escapar à ideologia e de se encontrar no terreno seguro de um saber finalmente liberto dos miasmas do idealismo” [...] Em história, o entusiasmo nunca é total; esbarrou com as firmes resistências dos adeptos da liberdade do sujeito e do caráter imprevisível do acontecimento.” BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As escolas históricas*. Publicações Europa-América: Lisboa, 1983. p. 178.
[14] REVEL, Jacques. “Microanálise e construção do social” In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: aexperiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 9. Ver também LEVI, Giovanni. A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

o debate na França foi ausente; e por fim não havia um programa articulado e coeso, que lhe desse o status de uma escola. Foi, na verdade, uma experiência de trabalho. Historiadores que se aproximaram pela sensibilidade e trajetória, tinham bases teóricas distintas. Assim, não podemos conferir-lhes a posteriori um status que não tiveram.

A reflexão segue no sentido de questionar como esses trabalhos distintos foram aceitos e produziram efeitos. Paralelamente caminharam juntos a história da vida cotidiana na Alemanha, o emparelhamento de História e Antropologia, precisamente a partir da obra de Clifford Geertz (descrição densa), e as próprias reflexões conduzidas pelos Annales. Estes caminhos são frutos de uma anarquia epistemológica e tem em comum o distanciamento da abordagem macrossocial que enfatizam a experiência dos atores sociais frente às estruturas.

> Vasto programa, executado com certa desordem, e que só progressivamente definiu seus próprios caminhos. Ele já conseguiu, porém derrubar algumas certezas, e até mesmo substituí-las por novas. Que não se pode mais, hoje, explicar a industrialização ou a urbanização, ou ainda a mobilidade geográfica ou social como fenômenos englobantes que imporiam sua lógica própria aos comportamentos dos indivíduos e dos grupos, é provavelmente uma afirmação que não choca mais ninguém. Que a identidade de uma coletividade, de uma profissão ou de uma classe não pode mais ser considerada evidente por si só ou não pode mais ser definida apenas com base na descrição estatística de propriedades comuns, independentemente das trajetórias e da experiência social dos membros que a compõem, também é outra afirmação que parece indiscutível - mesmo que permaneça em aberto o problema de saber como articular de maneira rigorosa a relação entre experiência singular e a ação coletiva[15].

Este cenário teórico-metodológico - que se concentra especialmente na ação do indivíduo, entendendo-a como formadora das estruturas da sociedade, e não o contrário - se deu por conta de um descontentamento em relação à característica que foi dominante desde o século XIX, qual seja, a postura que privilegiava os análises em escala macro. O foco do pesquisador voltado para o micro, não é ausente de críticas, pois, como ressalta Revel, podem surgir tendências distorcendo a problemática teórico-metodológica que envolve a micro História: pequeno é bonito, visão análoga a trancar-se em um armário de vassouras, beirando o irracionalismo. É preciso reconhecer a ineficácia das convicções de muita força, extremistas, e cuja popularidade se dá apenas pelas vantagens da simplicidade, quando na verdade não se trata de um maneira mais simples de fazer História. A relevância de um determinado fato/processo não se dá pela sua proporcionalidade. Em suma, não é um retorno ao individual, ao mero excepcional, mas sim uma variação de escalas. Um mesmo fenômeno pode ser analisado de uma maneira diferente se o olharmos por meio das trajetórias e estratégias individuais. Tal método permite uma melhor percepção das lógicas presentes nas sociedades.

[15] Ibidem. p.10.

A micro-história ganhou muita popularidade e ocupou lugar de destaque entre os debates teórico-metodológicos. Entretanto, vale ressaltar que sua difusão e recepção não foram homogêneas (vimos que inclusive houve certa lentidão para que fosse debatida em países como a França, por exemplo, acontecendo relativamente tardiamente apenas com a tradução da obra de Levi). Um exemplo destas múltiplas interpretações é exatamente como a micro-história foi entendida nos Estados Unidos e na França. No primeiro, a atenção foi centrada no "paradigma indiciário" de Carlo Ginzburg, enquanto que na segunda, foi entendida como uma atroz crítica aos pressupostos da História Social (o que não deixa de ser sensato, afinal, vimos que a micro-história se desenvolveu como um sintoma da grande insatisfação em torno da abordagem macro analítica). Seu desenvolvimento de fato, se deu por um grupo de historiadores italianos concentrados em torno da revista *"Quaderni Storici"*, ainda assim possuíam muitas divergências e especificidades no que concerne a todos os elementos de suas pesquisas.

Como é deixado claro muitas vezes, seja por Revel, por Ginzburg ou por outros autores que tratem da micro História, tal conceito não se constitui enquanto uma teoria e metodologia delimitadas, uma escola de pensamento. Muito pelo contrário. Revel indica que existem vertentes distintas que dividem os historiadores da micro História, daqueles que defendem a variação de escalas, pois não há nenhuma que seja privilegiada versus o posicionamento que defende a soberania do micro, que engendra o macro[16]. Assim, não possui uma metodologia unificada, mas é fruto da experiência empírica dos historiadores, cujo mote era a crítica aos postulados da História Social a qual sugeriam uma renovação em seus objetos e questões.

Esta criticada vertente da História Social na França foi aquela que seguiu o legado deixado pelo método de Simiand (influenciando as gerações futuras, Bloch, Febvre, Labrousse e Braudel). Um método sociológico que se propunha a unificar as ciências sociais. Os pesquisadores deveriam deixar de lado o indivíduo e voltarem-se ao que era repetitivo, regular, observável. Enfim, aquilo que era possível quantificar, por meio de dados, e assim definir uma tendência, definir leis.

> Essa opção inicial, largamente retomada pelos fundadores dos Annales e depois por seus sucessores, nos faz compreender as características originais da história social à francesa: o privilégio dado ao estudo dos agregados mais maciços possíveis; a prioridade concedida à medida na análise dos fenômenos sociais; a escolha de uma duração suficiente longa para tornar observáveis transformações globais (com, como corolário, a análise de temporalidades diferenciais)[17].

[16] Ibidem. p. 14.
[17] Ibidem. p. 17.

Este modelo quantitativo, não considerava passível criticar a escala de análise, haja vista que os seus objetivos centravam-se, sobretudo, na obtenção de dados para a explicação da sociedade como um todo. Tal sistema começou a ser questionado a partir da década de 80, dando início a um sentimento de crise que espraiou muito paulatinamente entre historiadores. Havia a percepção de que os instrumentos para pesquisa (os computadores) eram constantemente aprimorados e assim também a capacidade de lidar com os dados (demográficos, econômicos etc.), mas os objetivos não foram aprimorados e nem alterados, toda esta metodologia se entendia enquanto já unificada, plenamente desenvolvida. A História Total foi posta em xeque e a micro História surgiu em meio a este contexto, enquanto uma incisiva crítica e chamando atenção para a necessidade de uma reformulação.

Giovanni Levi também concorda que a micro História é uma prática historiográfica, não uma escola histórica sistematizada, pois está ligada à práxis do historiador. Ressalta ainda que esta não pode ser definida com relação à proporcionalidade do objeto, uma visão demasiado simplista, mas sim a escala aproximada, ao modo de proceder mais minucioso e detalhado do historiador. Este, em resposta a crise dos anos 1970 e 80, dá mais peso à liberdade individual do sujeito, sem contudo, excluir a força de limitação exercida pelas instituições e sistemas. O que se dá é a constante possibilidade que o sujeito tem de encontrar caminhos, decidir, enfim, executar todas as ações que lhe permite a liberdade individual. As postulações de Levi, lembram muito as de Paolo Grendi, quando define o "excepcional normal", pois ambos apontam para a necessidade de encontrar as brechas nas sociedade a partir das quais os indivíduos conseguem encontrar essa sua liberdade. Segundo Levi, trata-se de:

> Em outras palavras, uma investigação da extensão e da natureza da vontade livre dentro da estrutura geral da sociedade humana. Neste tipo de investigação, o historiador não está simplesmente preocupado com a interpretação dos significados, mas antes em definir as ambiguidades do mundo simbólico, a pluralidade das possíveis interpretações desse mundo e a luta que ocorre em torno dos recursos simbólicos e também dos recursos materiais[18].

É uma preocupação do autor eximir a micro História de um relativismo ou empirismo sem sentido, onde o historiador apenas descreve e interpreta as fontes. Muito pelo contrário, esta corrente se posiciona contra estas tendências e se volta aos acontecimentos de fato. Segundo ele a diminuição da escala deve ser não um fim, mas o mote para uma análise mais ampla. Por exemplo, podemos citar a própria *magnun opus* de Levi, "A Herança Imaterial". Neste livro discute, entre outras coisas, as transações de terras em uma aldeia no Piemonte do século XVII, e para muito

[18] LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. pp. 135-136.

além de um capitalismo embrionário devido a densidade de transações, Levi descobre que o mercado de terras não era nada impessoal e auto regulador, mas sim guiado pelas redes de relacionamento e parentesco, uma mesma terra podia ter valores distintos de acordo com a relação vendedor e comprador. A partir desta situação é possível vislumbrar o modo como se davam as relações comerciais no século XVII na região do Piemonte por exemplo. Em suma, Levi sintetiza abordagem micro histórica, que, a seu ver, deve funcionar sempre como ponto de partida:

> A abordagem micro-histórica dedica-se ao problema de como obtemos acesso ao conhecimento do passado, através de vários indícios, sinais e sintomas. Esse é um procedimento que toma o particular como seu ponto de partida (um particular que com frequência é altamente específico e individual, e seria impossível descrever como um caso típico) e prossegue, identificando seu significado à luz de seu próprio contexto específico[19].

A particularidade implica em algo atípico, o que reflete na busca realizada pelo micro historiador no contexto de seus estudos, pois não visa um funcionalismo, mas tem seu foco a partir da mudança de escalas, na "fragmentação, nas contradições e na pluralidade dos pontos de vista que tornam todos os sistemas fluidos e abertos"[20].

A mudança de escala de análise, por exemplo, é vital para a micro História. São necessárias algumas condições para o trabalho: coerência documental, familiaridade e domínio do objeto, unidade concreta. A escala menor pode ser comparada a cartografia, que não muda apenas o tamanho do objeto, mas apresenta outra visão, cuja diferença implica em uma realidade distinta. Este ênfase em uma escala menor permitiu uma revisão crítica da História Social circunscrita no "macro" e possibilitou uma discussão mais enfática a respeito das escalas, à semelhança da antropologia. Não é mero individualismo, pois está em relação com um contexto social. Ginzburg ressalta que a realidade é descontínua e heterogênea, assim não há a supremacia de nenhuma das duas escalas, e não se pode transferir nenhuma conclusão de um determinado âmbito para outro mais geral, simplesmente sobrepondo.

> É significativo que a relação entre essa dimensão microscópica e a dimensão contextual mais ampla tenha se tornado em ambos os casos (tão diferente, embora) o princípio organizador da narração. Como já observara Kracauer, não se podem transferir automaticamente para um âmbito macroscópico os resultados obtidos num âmbito microscópico (e vice-versa). Essa heterogeneidade, de que apenas começamos a perceber as implicações, constitui, ao mesmo tempo, a maior dificuldade e a maior riqueza potencial da micro-história[21].

---

19 Ibidem. p. 154.
20 Ibidem. p. 155
21 GINZBURG, Carlo. "*Micro-história: Duas ou três coisas que sei a respeito" In O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 277.

A redefinição das escalas, aproximando-se da trajetória de um indivíduo especificamente, tem como importante norteador o nome próprio, que permite construir uma história atenta aos indivíduos e suas relações com outros indivíduos. Pois a partir de uma trajetória individual é possível perscrutar os diversos contextos, tempos e situações vividas. Como nos aponta Pierre Bourdieu em seu famoso artigo intitulado "A ilusão biográfica", é impossível reconstituir a trajetória de vida de um indivíduo de maneira linear e coerente (por mais que o nome próprio possa transmitir tais elementos), pois a realidade é composta de múltiplas faces distintas[22]. Tal abordagem é de clara influência da antropologia, que tem na alteridade um importante conceito de seus estudos. O velho sonho da História Total, mas reconstituída de baixo.

Durante muitas décadas os historiadores tinham seu foco nos grandes homens, considerados os únicos agentes da História. Atualmente, em alguns casos, depositam toda sua atenção nos grandes sistemas, seus principais condutores e opositores. Os que não participam desta dinâmica não tem sua práxis considerada como relevante. É importante compreender que as relações hierárquicas de poder, a realidade econômica influenciam a vida dos indivíduos, entretanto, estes também interferem nestes mecanismos, conferindo-lhes novas dinâmicas, de acordo com os contextos.

Esse deslocamento traz importante redefinição dos pressupostos das análises sócio históricas, considerando as ações individuais por meio das quais se constituem as identidades coletivas. Redefinição da noção de estratégia social a fim de evitar um sistema funcionalista e visando o espaço do possível nas estratégias individuais. Redefinição da noção de contexto, caracterizada pela recusa da noção de contexto unificado, cenário em que os indivíduos desempenham suas ações, e adoção do objetivo de reconstituir os diversos contextos necessários à compreensão. Redefinição da hierarquia dos níveis do observação, onde não existe oposição entre escala local e global.

> A aposta da análise microssocial - e sua opção experimental - é que a experiência mais elementar, a do grupo restrito, e até mesmo do indivíduo, é a mais esclarecedora porque é a mais complexa e porque se inscreve no maior número de contextos diferentes[23].

É, portanto, conferir centralidade ao sujeito histórico, não totalmente isolado de seu meio, mas em constante relação com ele, influenciando a dinâmica de sua sociedade e sendo por ela influenciado. Ver o objeto de modo a se aperceber de toda a complexidade que lhe é inerente, dos diversos contextos em que se insere (como diz a citação) e buscar compreender estes

---

[22] Cf. BOURDIEU, Pierre. "A ilusão biográfica". In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, 2ª ed., p. 183- 191.

[23] REVEL, Jacques. "Microanálise e construção do social" In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 32.

contextos, sobretudo atento aos detalhes, aos rastros deixados sem intenção. Esta particularidade de micro História é muito ressaltada por Ginzburg, que retoma uma questão suscitada por Marc Bloch em "A apologia da História", qual seja, uma leitura a contrapelo, que, ao se deparar com uma fonte falsificada, digamos assim, tomar a mentira e suas motivações como fonte mais preciosa ainda[24].

Ao propor os conceitos de fio e rastros, Ginzburg chama a atenção para estas categorias complementares, sendo o fio a narrativa que guia pela realidade, e os rastros outros elementos mais ocultos. "Histórias verdadeiras tendo como objeto o falso", lembrar do próprio Bloch e de Natalie Davis, que afirmam não ser necessário haver "veracidade" na fonte, pois até mesmo a partir daquilo que é inventado, é possível analisar o comportamento do indivíduo, os motivos da produção de tais elementos. Bloch chamou a atenção para uma análise mais aprofundada dos fatos, que venceria o mero ceticismo sobre o dado concreto. Nos testemunhos voluntários seria preciso encontrar sua dimensão involuntária, o que Bloch considerava como mais seguro[25].

Buscar pelas vozes involuntárias nos textos, onde, mesmo sendo ficcionais, podemos encontrar fragmentos de verdade, como diz Bloch. É assim a chamada leitura a contrapelo (Walter Benjamin), sendo essa uma crítica à postura radicalmente antipositivista. É ler levando em conta as intenções dos autores, mas sabendo que existem elementos incontrolados. Desta relação dialética entre ficção e realidade surge o falso, ou seja, o fictício que quer ser verdadeiro. O falso é uma importante fonte, tendo consciência dessa realidade, é possível extrair elementos muito importantes.

Encerrando o tópico dedicado a micro História, gostaríamos de ressaltar um importante elemento que Ginzburg traz: a questão da narrativa. Discorrendo sobre os motivos que o levaram até à micro História, e não isso, também aqueles que o levaram aos estudos inquisitoriais, consagrando-o no meio acadêmico, diz: "para tentar identificá-las, pelo menos em parte, começarei de um lado talvez não muito óbvio. O queijo e os vermes não se limita a reconstruir uma história individual: conta-a"[26]. Não é a narrativa da história factual, defende-se, mas a narrativa legada da etnografia, que se estrutura em problemas. Reabilitada, digamos assim, pela micro História, que, certamente, não tem na retórica a sua problemática central, a narrativa se impõe como necessária na demanda de uma comunicação com o leitor. Levi concorda com esta

24 GINZBURG, Carlo. "*Micro-história: Duas ou três coisas que sei a respeito" In O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. pp. 10-11.

25 [...] é nas testemunhas à revelia que a investigação histórica, ao longo de seus progressos, foi levada a depositar cada vez mais sua confiança [...] Não é que os documentos desse gênero sejam, mais que outros, isentos de erro ou de mentira. Não faltam falsas bulas, e, assim como todos os relatórios de embaixadores, nenhuma carta de negócios diz a verdade. Mas a deformação aqui, a supor que exista, pelo menos foi concebida especialmente em intenção da posteridade. Acima de tudo, esses indícios que, sem premeditação, o passado deixa cair ao longo de sua estrada não apenas nos permitem suplementar esses relatos, quando estes apresentam lacunas, ou controla-los, caso sua veracidade seja suspeita; eles afastam de nossos estudos um perigo mais mortal do que a ignorância ou a inexatidão: o de uma irremediável esclerose." BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. p. 77.

26 GINZBURG. *Op. Cit.* p. 264.

relevância da narrativa e apresenta em duas características a sua função: a primeira está estritamente ligada ao que apresentamos, há pouco, sobre Ginzburg, ou seja, a necessidade da comunicação a fim de extrair determinados aspectos de distorções, segundo Levi, causadas pela generalização e quantificação. A segunda função, por sua vez, está mais imbricada com a natureza metodológica da micro História e é um grande diferencial, pois aponta a necessidade da incorporação das dificuldade, obstáculos, do próprio historiador em seu trabalho. Assim "o leitor é envolvido em uma espécie de diálogo e participa de todo o processo de construção do argumento histórico"[27].

O caminho até os corais, uma discussão em torno da biografia:

No homônimo texto “A ilusão biográfica”, Bourdieu inicia sua discussão destacando as ligações entre a clássica noção de história de vida e o senso comum. Esta noção preconiza a vida enquanto um caminho em sentido único e linear, com começo, meio e fim, a exemplo da Filosofia da História de Hegel, onde a humanidade caminha sempre rumo ao progresso, qual seja o crescimento progressivo da consciência de liberdade. Assim, o início é quase como um espelho do fim, pois como ressalta o autor:

> [...]a noção sartriana de "projeto original" somente coloca de modo explícito o que está implícito nos "já", "desde então", "desde pequeno" etc. das biografias comuns ou nos "sempre" ("sempre gostei de música") das "história de vida". Essa vida organizada como uma história transcorre, segundo uma ordem cronológica que também é uma ordem lógica [...]"[28].

Assim, o biógrafo observa seu objeto e seleciona os fatos, considerados mais relevantes e significativos e organiza-os em sentido cronológico e coerente.

Os questionamentos a esta visão, assinala Bourdieu, surgiram paralelamente ao romance moderno, chamando atenção para a descontinuidade da vida, que é repleta de imprevistos. Bourdieu, movido pelas influência do estruturalismo, confere estes imprevistos ação de certos "mecanismos sociais que favorecem ou autorizam a experiência comum da vida como unidade e como totalidade"[29], e por mais que o estruturalismo enquanto aparato norteador já esteja ultrapassado, é inegável que a influência de tais instâncias na vida de um indivíduo são

---

27 LEVI, Giovanni. “Sobre a micro-história” In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p. 153.
28 BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes (org) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, 2ª ed., p. 184.
29 Ibidem. p. 185.

inegáveis. Entretanto, ao discutirmos a micro História, foi possível observar que também os indivíduos interferem, alteram estes mecanismos da sociedade e com eles negociam.

Entretanto, de acordo com o autor, a tendência é exatamente ao contrário, ou seja, a unidade. Tal elemento é buscado e imposto por alguns meios, como o nome próprio, que consegue representar uma identidade fixa. "Por essa forma inteiramente singular de nominação que é o nome próprio, institui-se uma identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo [...], em todas as suas histórias de vida possíveis"[30].

É uma tendência a conceber um sujeito unificado, marcado por características individuais, relativos à profissão ou status. No mesmo sentido segue a assinatura, um signo, um sinal de uma determinado indivíduo. Tudo isso leva a noção de trajetória, que pressupõe um sentido teleológico e sucessivo de acontecimentos. Bourdieu determina que só é possível compreender uma trajetória se considerarmos os diversos estados dos campos (podemos entender também como contextos) onde se desenrolou, bem como as relações que foram estabelecidas com outros agentes, sujeitos.

Sabina Loriga, por sua vez, apresenta uma posição mais otimista que Bourdieu. Postula não apenas uma reabilitação da biografia, como também a figura do indivíduo que se coloca enquanto um lugar de privilégio no que concerne aos novos interesses dos historiadores. Estes passaram a se dedicar a elementos como o cotidiano, trajetória individual, a, portanto, aproximarem suas escalas de análise. A autora identifica uma alteração no foco dos pesquisadores: "pouco a pouco se deslocou da atividade econômica e política do camponês ou do operário para sua subjetividade e seu vivido"[31]. É a relevância do vivido que hoje se destaca em diversas pesquisas que acabam por possuir/estabelecer alguma relação com a biografia, mesmo que esta não seja um elemento primário ou conscientemente considerado.

Operou-se, portanto, na historiografia, um caminhar das categorias que conferiam grande anonimato, aos indivíduos. Não sem oposições, é claro. Alguns historiadores ao se depararem com a paulatina ênfase à biografia, acusaram seus adeptos de um retorno a história factual e tradicional do século XIX, e as maiores críticas vieram de Pierre Bourdieu (críticas pertinentes, sem dúvida, mas que não devem nos levar a uma ideia errônea em torno do gênero biográfico, como que totalmente inviável. Acreditamos que seja importante tomar as críticas de Bourdieu enquanto forma de balizamento ao se pensar na biografia). É imperativo ressaltar que a disposição de nossa discussão, apresentando primeira as ideias de Bourdieu e posteriormente as de Loriga, não foi ao acaso, mas visou exatamente operar esta contraposição, com maior ênfase

30 Ibidem. p. 186.

31 LORIGA; Sabina. "A biografia como problema" In REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 226.

na desta, uma historiadora, e que chama atenção para as potencialidades da biografia, as quais concordamos. Para ela, pensando as críticas de Bourdieu, o risco de cair em uma história factual não se restringe apenas a biografia e, portanto, não estão simbioticamente ligadas[32].

A dialética entre História e Biografia é antiga, e foi apenas a partir do século XIX que começaram a distanciar-se, pois a partir do pensamento kantiano, a natureza, o contexto mais amplo, passou a ter predominância. Se o indivíduo parecia incompreensível se analisado unicamente, era preciso considerar todos unidos, e só então seria possível observar a coerência presente entre a humanidade e natureza. O fosso cavado por Kant foi aprofundado pelos positivistas, que conferiram a história um caráter linear rumo ao progresso, ao estado positivo, desviando-se também das trajetórias individuais. Por mais que tenha sido um período marcado pelo estudo da vida dos reis e governantes, acreditavam que mesmo estes não eram tão determinantes no sentido que identificaram a história. Também ao optar apenas pelos grandes nomes, faziam uma escolha de excluir as pessoas comuns, como todos sabemos. Entretanto, ainda assim as trajetórias individuais possuíam um lugar de destaque na historiografia dos séculos XIX e meados do XX:

> Mas a maioria dos historiadores do século XIX não aceitava privilegiar as uniformidades em detrimento das particularidades do passado, principalmente das especificidades nacionais [...] As ações individuais constituíam a base da história principalmente no mundo anglo-saxão, povoado pelos heróis de Percy Shelley, de Matthew Arnol e de Alfred Tennyson, mas continuaram a ser igualmente celebradas nos outros países da Europa[33].

Loriga apresenta a figura do herói, para dizer que a individualidade não era ignorada, entretanto ela não se estendia a todos. Apenas alguns eram considerados protagonistas da História. Aos demais era reservada a coletividade e o silêncio. Ainda sobre os heróis, estes representam uma materialização dos elementos mais elevados, das virtudes mais altas. Se esquecia de sua humanidade, que ficava a parte. O objetivo da biografia seria identificar nestes grandes homens vislumbres de uma essência mais transcendental do universo. Ao herói se opunha o homem patológico de Jacob Buckhardt, que defendia a história dos homens concretos, repletas de contradições e sofrimentos, realizou quase uma psicologia histórica, chamando atenção à importância dos desejos do homem. Seguindo no mesmo sentido, temos a contribuição de Hippolyte Taine, que postulava a verdadeira história como sendo aquela que partia de observações do particular, é o homem-partícula, como denominou Loriga.

32 Ibidem. p. 246.
33 Ibidem. pp. 231-232.

E é exatamente o homem-partícula que atualmente possui relevância, haja vista o estudos da micro História, que tentamos detalhar no tópico anterior. Entretanto, podemos dizer que se operou uma mutação neste homem partícula, que, em vistas de melhor se adequar aos passos dos estudos atuais que se focam na experiência, tornou-se o homem coral, conceito que quer realçar os diversos contextos, as descontinuidades, características, as diversas vidas que possuem um indivíduo. Acreditamos que esta concepção torna o gênero biográfico marcadamente viável, pois já pressupõe um afastamento de visões tradicionais de linearidade. Muito pelo contrário, a semelhança do coral é um sujeito múltiplo, cuja trajetória de vida é marcada por constantes mudanças.

Ao apresentar um trecho escrito por Lewis Mumford, onde faz uma comparação entre o herói e o homem coral, esmiuçando as diferenças no que tange a multiplicidade do segundo, Loriga afirma: "no entanto, suas proposições com frequência permaneceram letra morta: aceitar as incertezas do passado e renunciar ao simulacro da integridade individual é um empreendimento no mínimo complicado"[34] – referindo-se à hesitação, ainda presente, por parte de certa gama de estudiosos, que preferem os sujeitos rigidamente estruturados, com um papel claro a desempenhar, ou não.

Movidos por uma busca da normalidade, muitas vezes os historiadores selecionam/corrigem a trajetória de seus objetos de pesquisa, contrariando a tendência do homem coral. Atualmente busca-se exatamente a anormalidade, como apregoa a micro História, pois a partir dela é possível perceber muito mais claramente as tensões presentes em um dado contexto. Por exemplo, se pensarmos na figura emblemática de Santa Catarina de Siena, nos interrogamos sobre os meios que ela, uma jovem analfabeta, conseguiu para ser recebida na corte papal e na de muitos nobres, e, claro, não apenas isso, mas como fez-se ouvir e temer, tendo influência direta e ativa em diversas conjunturas políticas do século XIV. Catarina é uma anormal, uma coral, neste contexto de nossa discussão, que constantemente negocia e interage, seja com a sua sociedade ou com outros sujeitos, tendo a alcunha de mística e a santidade como duas grandes brechas à sua atuação.

[34] Ibidem. p. 245.

Considerações finais:

Ao investigarmos o lugar dado ao sujeito na História Social, na Micro História e na Biografia foi possível perceber as transformações sofridas por este, que deixa de ser um sujeito arquétipo, para se tornar um sujeito plural, múltiplo e complexo. Na História Social, especificamente na obra de Natalie Davis, que utilizamos como norteadora de nossa fala, observamos a figura da mulher por cima do século XVIII, mas que não necessariamente, como afirmou a própria autora, implica a mesma mulher de outros países, culturas e religiões se analisada mais detidamente. E tal análise detida, minuciosa nos oferece a micro História, que não se define pela proporcionalidade de seus objetos, mas sim pela aproximação, ou melhor, a alteração de suas escalas, nos permitindo ângulos completamente distintos para a pesquisa. E na biografia, seguindo o mesmo sentido, o sujeito não pode ser compreendido enquanto um ser coerente, contínuo, linear, cuja trajetória é totalmente previsível (o que nos alerta Bourdieu), mas deve se adequar a roupagem do homem coral, o homem que se transforma, o homem das várias vidas.

Com muito otimismo nós olhamos para o cenário historiográfico atual, onde há a ausência de um paradigma dominante, como havia, sobretudo, nas décadas de 1970 e 80, seja por questões acadêmicas ou ideológicas. Tal ausência, permite aos historiadores uma "liberdade" de pesquisa, de modo que os trabalhos demasiadamente generalizantes, seriais já não são mais vistos como eficazes e é exatamente o sujeito esfacelado, plural quem permeia a maior dos trabalhos contemporâneos. Faz-se necessário ao pesquisador essa compreensão do indivíduo em relação com os outros e com sua sociedade.

Gostaríamos de encerrar comentando a frase que dá título à segunda parte deste trabalho, de autoria de Jacques Revel, quando este fala da micro-história (corrente a que demos mais ênfase em nosso trabalho devido à proximidade com a mesma): "Por que tornar as coisas simples, quando se pode torná-las complicadas?"[35]. Esta frase, considerada pelo autor como lema da micro História, quer dizer que os historiadores devem se empenhar em perceber e alcançar a complexidade da realidade, sendo a simplicidade aí um latente perigo.

[35] LEVI, Giovanni. "Sobre a micro-história" In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. P. 160.